

ESTADO DE ATIVIDADE FUNCIONAL

E.A.F.

TINA VELHO

Centro Cultural Telemar

31 de agosto a 30 de outubro de 2005

Rio de Janeiro . Brasil

VIDA = ESTADO DE ATIVIDADE FUNCIONAL

*Todos nós pulsamos,
é este movimento que define
nossa relação com o mundo.*

*O universo – desde as estrelas
até os átomos – é por natureza
maleabilidade e mobilidade.*

*O Estado de Atividade Funcional,
a vida obedece portanto, a esta
configuração. Fluxo incessante,
a corrente sanguínea é raramente
percebida. Na pulsação, habita a
igualdade entre todos os seres vivos,
fronteira entre a vida e a morte.*



LIFE IN STATE OF ART

MARIA ARLETE GONÇALVES,

DIRECTOR OF THE CENTRO CULTURAL TELEMAR [september 2005]

To walk through the senses of Tina Velho's work is a new experience at each look. The first impression's impact is always like the impact of a first impression and of another first impression. Unique impressions that will never repeat. The artist renews herself in six works and one same theme: the constant movement of the organic functions.

When capturing life's movement – be it as through the playful digital stethoscope or through the small beings who give their colors to the collection of exposed lives – Tina's universe floats on the paradox between eternity and fugacity. She travels from one extreme to the other, exploiting the force that alters the bodies' property to persist in the resting or movement state, life or death.

Her – and of us all – State of Functional Activity captivated the public of all ages, especially the young people, who are open to observation and experimentation of new technologies. This is a reflex of the contemporaneity of this art that pulses at the Centro Cultural Telemar, space of convergence of ideas, people, technologies and languages. So as Tina's work itself ■



VIDA EM ESTADO DE ARTE

Maria Arlete Gonçalves,

CENTRO CULTURAL TELEMAR, DIRETORA [setembro 2005]

Passear os sentidos pela obra de Tina Velho é uma experiência nova a cada olhar. O impacto da primeira impressão é sempre como o impacto de uma primeira impressão e de outra primeira impressão. Impressões únicas que não se repetem. A artista se renova em seis trabalhos e um mesmo tema: o movimento constante das funções orgânicas.

Ao capturar o movimento da vida – seja através do lúdico estetoscópio digital ou dos pequenos seres que emprestam sua cor à coleção de vidas expostas – o universo de Tina Velho flutua no paradoxo entre eternidade e fugacidade. Ela viaja de um extremo a outro, explorando a força que altera a propriedade dos corpos de persistir no estado de repouso ou de movimento, vida ou morte.

Seu – e de todos nós – Estado de Atividade Funcional cativou o público de todas as idades, especialmente os mais jovens, que se mostraram abertos à observação e experimentação diante das novas tecnologias. Um reflexo da contemporaneidade dessa arte que pulsa no Centro Cultural Telemar, espaço de convergência de idéias, pessoas, tecnologias e linguagens. Como a própria obra de Tina ■



“Sou homem; a nenhum outro homem considero estranho”

MIGUEL DE UNAMUNO

PULSAR PULSAR PULSAR

Alberto Saraiva, CURADOR [setembro 2005]

Em *EAF - Estado de Atividade Funcional: Vida*, Tina Velho apresenta um ambiente imersivo-interativo, formado por um conjunto variado de trabalhos que se complementam um ao outro, articulando passagens sinuosas ao sujeito interativo e ator na obra. O som de um coração pulsando ocupa todo o espaço e um estetoscópio eletrônico está à disposição, logo na entrada. Ao auscultar-se, o sujeito imediatamente mixa as batidas de seu coração com as batidas do ambiente. É a porta de entrada para um grande circuito visual de imagens dinâmicas de pássaros, minhocas, larvas de borboletas e pulsos humanos que constituem um ambiente pulsante, no qual o visitante é capturado num amálgama que ressoa em uníssono.

O mecanismo interno das obras denota a pulsação presente em todos os seres e no universo. Essa circunscrição poderia ser apenas

de caráter estético formal – caso ela não introduzisse no grande plano visual uma unidade de distinção, um jogo específico, um game-arte: o jogo da memória. Memória, não baseada no armazenamento de informações, mas na deflagração de um conjunto de atividades que constituem a construção de uma realidade e um mundo, que projeta em seu substrato a pulsação, base total daquilo tudo que se conhece ou se propõe a conhecer.

É criado um grande campo visual interativo sobre algo que, cotidianamente, é quase invisível aos olhos. Entendemos que pulsar é mais sentir do que ver. Tina inverte: pulsar é mais ver do que sentir. A coisa é visual. Mas este visual é um jogo. Aqui, a cápsula da memória.

A artista exprime uma idéia de permanência, de fluxo permanente, que se configura como

“I’m a man; I consider strange no other man.”

MIGUEL DE UNAMUNO

PULSING PULSING PULSING

ALBERTO SARAIVA, CURADOR [september 2005]

In the **EAF – Estado de Atividade Funcional: Vida**¹, Tina Velho presents an immersive-interactive environment, built by a varied set of works that complement one another, articulating winding passages to the interactive individual and actor in the workmanship. The pulsing heart sound occupies all the space and an electronic stethoscope is to the disposal, right at the entrance. By auscultating ones heart, the individual immediately mixes his/her heart beat to the environment pulsations. It is the main entrance to a big visual circuit of dynamic images on birds, earthworms, caterpillars and human wrists that constitute a pulsing environment, in which the visitor is captured in an amalgam that resounds in unisonous.

The internal mechanism of the works denotes the pulsation that is present in all living beings and in the universe. This circumscription could just be of a formal aesthetic character — in case that it wouldn’t introduce a unit of distinction in the great visual plan, a specific game, a game-art: the memory game. Memory, not based on information storage but on deflagration of a set of activities that constitute the construction of a reality and a world that it projects in its substratum the pulsation, total base of everything that is known or considered to be known.

A big interactive visual field is created upon something that is daily invisible to the eyes. We understand that pulsing is more feeling than seeing. Tina inverts it: pulsing is more seeing than feeling. The thing is visual. But this visual is a game. Here, the capsule of memory.

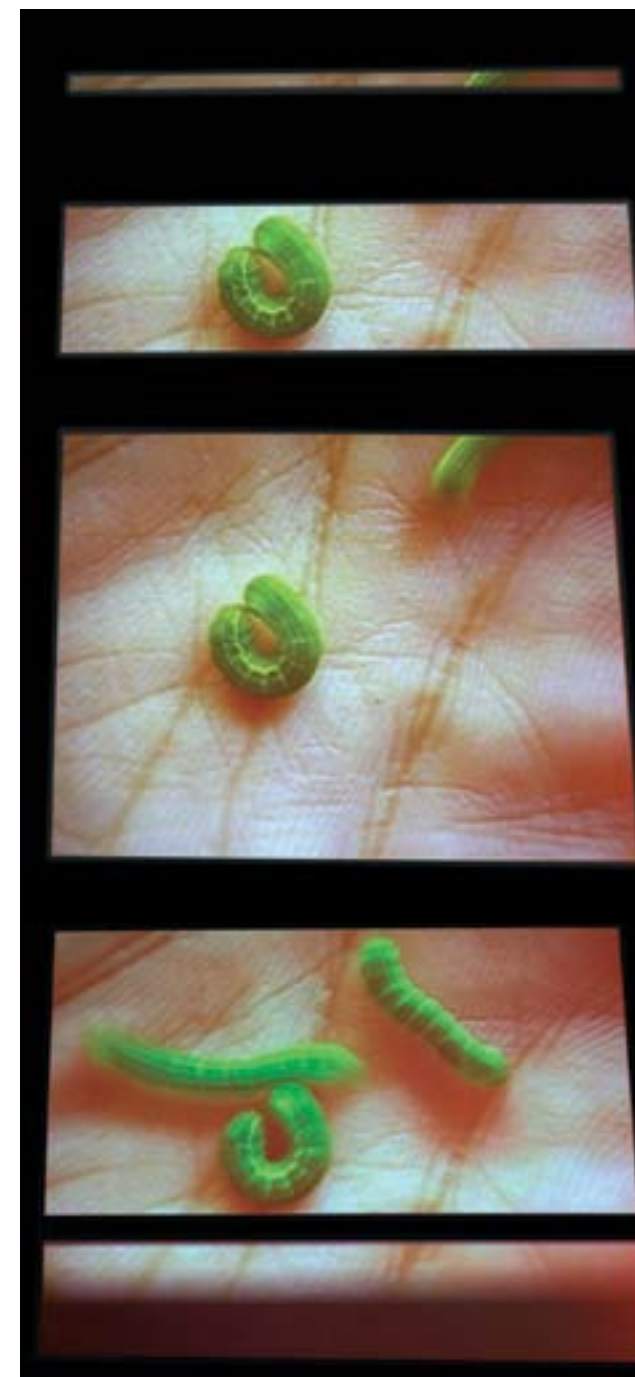
The artist expresses the idea of permanence, of permanent flow, that configures itself as unity and collectivity, where the individual is always requested to take a place in relation and together to the other pulsations, and to recognize man, animal, similar to a morph-physiological unit in a complex system, endowed with memory. To Miguel de Unamuno — in his *The Tragic Sense of Life* —, “that which determines a man, that which makes him one man, one and not another, the man he is and not the man he is not, is a principle of unity and a principle of continuity. A principle of unity firstly in space, thanks to the body (...) Also a principle of continuity in time which has the memory as the basis of individual personality.” In the **EAF – Estado de Atividade Funcional: Vida**, this unity — this “me” — is called to interact, to remember... It is a certain “me” who is neighbor to the “you” declaimed by Walt Whitman. Something that is beyond the conventions.

We still must say, perhaps, that to the artist life implies death, since life also is a process of synthesis and destruction, of anabolism and catabolism. This is the base of the human metabolism or all the biochemical reactions of a living being. Isn’t the entire universe like this?

¹ SFA - State of Functional Activity: Life

unidade e coletividade, onde o indivíduo é sempre solicitado a se colocar em relação e junto aos outros pulsares, e a se reconhecer homem, animal, similar a uma unidade morfo-fisiológica em sistema complexo, dotado de memória. Para Miguel de Unamuno – em seu *Do sentimento trágico da vida* –, “o que determina um homem, o que faz dele um homem, um e não outro o que é e não o que não é, é um princípio de unidade e um princípio de continuidade. Um princípio de unidade primeiro, no espaço, graças ao corpo (...) e um princípio de continuidade no tempo, que tem a memória como base da personalidade individual.” Em *Estado de Atividade funcional: Vida*, esta unidade – este “eu” – é conclamada a interagir, a lembrar... É um certo “eu” que se avizinha do “você” declamado por Walt Whitman. Algo para além das convenções.

Ainda devemos falar, talvez, que para a artista vida implica em morte, visto que a vida também é um processo de síntese e destruição, de anabolismo e catabolismo. Esta é a base do metabolismo humano ou de todas as reações bioquímicas de um ser vivo. Não seria assim todo o universo?

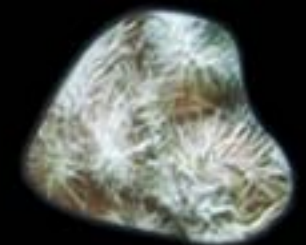
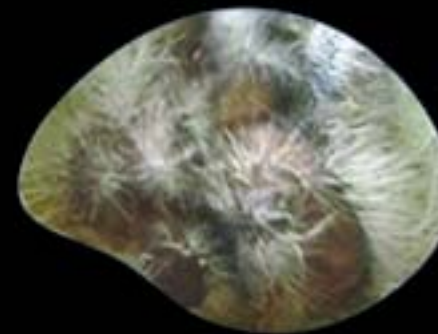
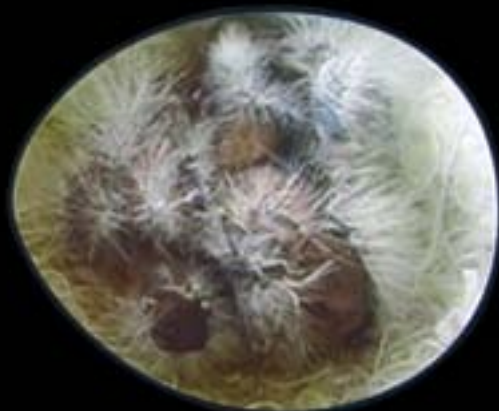
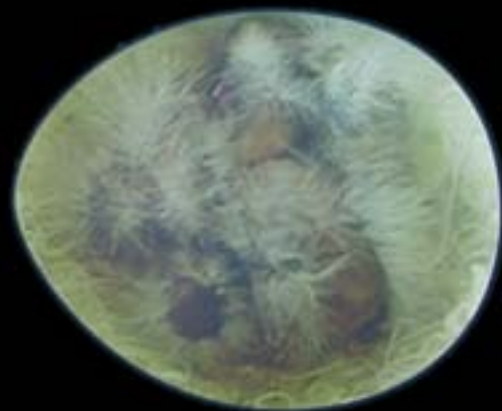


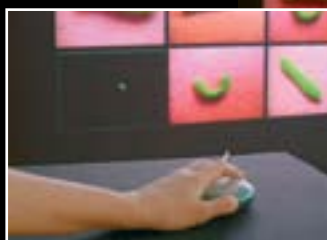
Reynaldo Roels Jr. [setembro 2005]

A pulsação é um dos elementos mais recorrentes na arte: fator *estruturante* – quase universalmente explícito no discurso da escrita, da música ou da dança – a pulsação é um pouco menos evidente nas artes plásticas, mas nem por isso deixa de se fazer sentir com frequência. Quer sob a forma da exploração do ritmo gráfico, quer sob a da interação ativa entre campos cromáticos opostos, ela dota a experiência visual de um *tempo* que não lhe é de forma alguma estranho. Às vezes de maneira sutil e apenas perceptível, outras de modo enfático e quase hipnótico. Se isso ocorre, como alegam alguns, pelo fato de a arte nunca ter perdido sua relação analógica com a vida (do fluxo sangüíneo ao processo de expansão/contração do universo), pouco importa. O que interessa é a contribuição que o fenômeno traz à experiência artística, irreduzível esta última, na sua essência, às próprias origens. Pois é de pulsações que se constitui a mostra de Tina Velho. Pulsações orgânicas capturadas

em situações domésticas relativamente simples, retrabalhadas e reprocessadas de modo a apresentar ao espectador não uma imagem qualquer do mundo, mas um discurso sobre a percepção mesma do ritmo e do tempo. Não são veias, vermes ou fluídos que ali estão apresentados, mas o próprio fenômeno do ir e vir, do pulsar constante, da afirmação de um tempo que se manifesta através de um movimento incessante. Trabalhos que discorrem antes sobre o tempo que sobre suas formas de manifestação na empíria do mundo.

Não é, contudo, este o aspecto que aparece de imediato no contato com as obras – essas superficialmente dominadas pelo caráter tecnológico sob o qual são mostradas. Aí incluída mesmo, uma possível interatividade (hoje algo como uma palavra-de ordem no campo da arte, tanto quanto em quaisquer outros). À primeira vista





dominante, porém, a técnica funciona como uma espécie de amplificador do discurso da artista, como que um complexo estetoscópio da pulsação, que, ao contrário, só é percebido após o contato *real*, silencioso, entre o espectador e as obras.

As coisas ainda são pouco claras no campo (ainda muito incompletamente explorado) das relações entre arte e tecnologia. Em uma parte dos casos, conhece-se o instrumento sem saber bem o que fazer com ele; em outros, ele é utilizado como alternativa aos meios convencionais em situações igualmente convencionais. E é natural que seja assim, uma vez tratar-se de um recurso (ou de muitos recursos reunidos sob uma mesma rubrica), cuja aplicabilidade não é específica a nenhuma área, mas corta inúmeros territórios heterogêneos, sendo a arte apenas um deles. Não

deixa, portanto, de ser sintomático que o sucesso dessa exposição se deva, em primeiro lugar, ao fato de vir de uma pessoa com formação inicial de artista, não de alguém versado na técnica e que se tenha secundariamente dirigido para a arte: com isso, ela sabe bem como questionar seus instrumentos em função de problemas formulados em um outro patamar intelectual; em segundo lugar, não conta menos o fato de ela participar de um grupo de outros artistas também dedicados à pesquisa sistemática daqueles recursos, e onde o confronto e a discussão dos resultados vai bem além de um simples “funcionou”. Porque essa é uma exposição onde, em que pese o lugar ocupado pela tecnologia, esta última não chama a atenção sobre si mesma, e o peso final é determinado por um discurso visual e intelectual elaborado *através* dela, não em *função* dela ■

REYNALDO ROELS JR [september 2005]

Pulse is one of the most constant elements in art: structuring component – almost universally explicit in writing, music or dance – pulse is nonetheless a little less evident in the visual arts, but even though it is often to be felt. Taking either the form of graphical rhythm, or of the interaction between opposing chromatic fields, it endows visual experience with a perception of time that is not strange to itself. Sometimes in a subtle and barely perceptible way, sometimes in an emphatic and almost hypnotic way. It is immaterial if that happens, as some assert, because art has never missed its analogical relationship with life (from the blood flow to the expansion/contraction of the universe). What matters is the contribution it adds to the artistic experience, independent, in its essence, to its own origins.

Tina Velho's exhibition is made out of pulse. Organic pulsations captured in relatively simple domestic situations, reworked and reprocessed in such a way as to present to the beholder not any image of the real world, but to offer him a statement about the very perception of rhythm and time. These are not arteries and veins, worms or fluids represented, but the very phenomenon of coming and going, of constant pulsing, the statement of a time that shows through incessant movement. Works that speak of time itself, not its manifestations in the empirical world.

This is not, however, the most prominent aspect that appears on the first contact with these works, which are superficially dominated by the technological character under which they are shown. There's even included a possible interaction between one of them and the be-

holder (today interaction being something of a *mot-d'ordre* in art, so much as in any other field). Being dominant at first sight, however, technique in this case works as a kind of amplifier to the artist's discourse, something of a complex stethoscope to the pulsing that, on the contrary, is only perceived after the real, silent contact between the beholder and the works.

Things are still unclear in the field of the relationships between art and technology (still a bit incompletely explored). In some cases, one knows the instrument without knowing very well what to do with it; in others, the instrument is used as an alternative to the conventional means in the also conventional situations. And it is natural that it is so, since it is a resource (better still, many resources gathered under same initials) whose use is not specific to any area, but it cuts along countless heterogeneous fields, being the art just one of them. It is symptomatic, therefore, that the success of this exhibition is due, in the first place, to the fact of coming from a person whose bringing up is that of an artist, only secondarily interested on technical matters: being so, she knows how to put the instruments into question in order to deal with problems belonging to other intellectual points of view; second, it is not less important the fact that she is one of a group of artists also dedicated to the systematic research on those technical resources, and for whom the confrontation and the discussion of the results goes far beyond a simple answer such as "it has worked." Because this is an exhibition where, despite the weight of technology, it doesn't call attention to itself, the ultimate weight is surely determined by the visual and intellectual discourse *through* technology, not *because* of it ■

